

preza, nos mais perfeitos, algo que não podia explicar, algo que parecia escapar e parecia estranho à natureza animal.

Meu Deus! quão pequenos somos a teus pés!

D'onde havia saído o homem? Qual tinha sido o princípio de sua formação e de seu desenvolvimento? Veio diretamente do pensamento de Deus ou levantou-se do pó por uma série de transformações sucessivas?

Meu espírito não o tinha visto, porém minha alma não podia esquecer aquele algo indefinível, que tinha como que adivinhado nos animais superiores.

Luz — luz — muita luz — muitíssima luz! porém a luz reside em Deus.

Eu tinha visto, e via vegetais como minerais e minerais como vegetais, animais como vegetais e vegetais como animais, homens que participavam muito do animal e animais que participavam alguma coisa do homem.

Livrai-vos de assentar juízos sobre minhas palavras quanto ao misterioso nascimento do homem. Meu espírito estava cego; e que confiança merece a vista de um pobre cego!

Eu via o homem, e via nêle o sentimento, a vontade e a luz; via o animal, e via nêle a sensação, o impulso e o instinto; via o vegetal, e via nêle a tendência para a conservação. E perguntava a mim mesmo:

O sentimento, a vontade e a luz são criações independentes e primitivas ou são uma criação única, já modificada ou transformada?

E, ao pensar que os três caracteres distintivos da natureza humana poderiam confundir-se em sua raiz, acudiu fugitivamente á minha alma a idéia de que podia ser a unidade, a identidade, o limite de sua depuração. E perguntava a mim mesmo:

São, porventura, o sentimento, a sensação depurada e transformada — a vontade, o impulso depurado e

transformado? Serão, porventura, o sentimento e a sensação, a vontade e o impulso, a luz e o instinto — depurações e transformações daquela tendência para a conservação iniciada no organismo vegetal?

Ignoro; não sei; não quero; não posso; não me atrevo a sabê-lo; porque Deus pôs um véu entre o seu segredo e os olhos de meu espírito. Minha alma nada sabe acêrca do princípio e do nascimento do homem!

III

Adão, Adão, onde estás?

Meus olhos procuravam-n'ó e não o viam; eu o chamava e êle não me respondia.

Adão ainda não tinha vindo.

Onde estava Adão?

Não me aparecia; Moisés tão pouco vinha, para dizer-me onde se achava escondido o primeiro homem da Gênesis.

Porque eu via um homem, dois homens, muitos homens e, no meio dêles, não via Adão, e nenhum dêles conhecia Adão.

Eram os homens primitivos, êsses que meu espírito, absorto, contemplava.

Era o primeiro dia da humanidade; porém que humanidade, meu Deus!...

Era também o primeiro dia do sentimento, da vontade e da luz; mas de um sentimento que apenas se diferenciava da sensação, de uma vontade que apenas alcançava desvanecer algumas das sombras do instinto.

Primeiro que tudo, o homem procurou que comer, e comeu; após, procurou uma companheira — juntou-se com êla, e tiveram filhos, parecidos com o pai e com a mãe; finalmente, êle ergueu os olhos na direção do céu, e, tombando pasadamente sobre a terra, dormiu.

Quão nebuloso e triste é o primeiro dia da humanidade, encarado do tempo de hoje!...

Meu espírito procurava o homem, e, descobrindo-o, retrocedia. Volveria a observá-lo, e de novo retrocedia. Porque: meu espírito não via o homem do Paraíso; via muito menos que o homem, coisa pouco mais que um animal superior.

Seus olhos não refletiam a luz da inteligência; sua fronte desaparecia sob o cabelo áspero e rígido da cabeça; sua boca, desmesuradamente aberta, prolongava-se para diante; suas mãos pareciam-se com os pés, e frequentemente tinham o emprego destes. Uma pele pilosa e rígida cobria as suas carnes duras e secas, que não dissimulavam a fealdade do esqueleto.

Oh! se tivésseis visto, como eu, o homem do primeiro dia, com seus braços magros e esqueléticos caídos ao longo do corpo, e com suas grandes mãos pendidas até os joelhos, vosso espírito teria fechado os olhos para não vêr, e procuraria o sono para esquecer.

Não obstante, não deixeis de glorificar a Deus; porque Ele é a sabedoria infinita, e o homem primitivo é uma manifestação — um raio da luz eterna da sabedoria infinita.

Deixai seguir a obra de Deus. Seu termo, como o de todas as obras do Senhor, é a pureza e a perfeição.

O homem primitivo, visto de hoje, é um espetáculo que fere de horror e desolação; visto dos primeiros séculos do nascimento dos animais, é uma esperança luminosa, uma nuvem rasgada no horizonte da eternidade.

Amemos e adoremos a Deus.

O homem dos primeiros dias da humanidade comia e bebia, porém não comia nem bebia como o homem; andava, porém não andava como o homem; via, porém não via como o homem; amava e odiava, porém não amava nem odiava como o homem.

Seu comer era como o devorar; bebia abaixando a cabeça e submergindo seus grossos lábios nas águas;

seu andar era pesado e vacilante, como se a vontade não intervisse; seus olhos vagavam, sem expressão, pelos objetos, como se a visão não se refletisse em sua alma; e seu amor e seu ódio, que nasciam de suas necessidades satisfeitas ou contrariadas, eram passageiros como as impressões que se estampavam em seu espírito, e grosseiros como as necessidades em que tinham sua origem.

O homem primitivo falava, porém não como o homem. Alguns sons guturais, acompanhados de gestos, os precisos para responder às suas necessidades mais urgentes, eram a linguagem do homem do primeiro dia.

Fugia da sociedade e buscava a solidão. Ocultava-se da luz e procurava indolentemente, nas trevas, a satisfação de suas exigências naturais.

Era escravo do mais grosseiro egoísmo. Não procurava alimento senão para si. Chamava a companhia em épocas determinadas, quando eram mais imperiosos os desejos da carne; e, satisfeito o apetite, retraía-se de novo à solidão, sem mais cuidar da companhia e dos filhos.

Era extremamente preguiçoso. Estendido na terra, alimentava-se do que estava ao alcance de sua mão; e, sempre que se punha em movimento, seus gestos revelavam repugnância e desgosto.

Passava pelo cadáver de outro homem, fixava nele um olhar estúpido, e ia além.

Nunca ria; nunca os seus olhos derramavam lágrimas. O seu prazer era um grito, a sua dor era um gemido.

O seu pensamento era superficial, incerto e fugitivo; as suas idéias eram elementares e confusas; não deixavam em sua alma outro vestígio mais que aquele que em vós deixa um sonho incoerente e fugaz.

O pensar fatigava-o; ele fugia do pensamento como da luz.

Considerava os animais terrestres como iguais, em natureza, ao homem, e considerava as aves como superiores ao homem.

O céu girava e as estrêlas luziam por cima de sua cabeça, mas êle não percebia o movimento do céu, nem o brilho das estrêlas.

Para êle não havia terra além do que divisavam seus olhos, nem outros seres além dos que descobriam os seus toscos sentidos.

Vivia sem conhecer o motivo da sua vida; morria sem ter jamais pensado em morrer.

Oh! se houvésses visto, como eu, o homem do primeiro dia, com os seus longos e esquálidos braços caídos, e com as suas grandes mãos que chegavam aos joelhos, o vosso espírito teria fechado os olhos para não vêr, e buscaria o sono para esquecer.

Não obstante, não deixeis de glorificar a Deus porque Êle é a sabedoria infinita, e o homem primitivo é uma manifestação, um raio da luz increada, da sabedoria infinita.

IV

Tinha findado o primeiro dia do homem; dia de séculos, porque no relógio da humanidade os dias são segundos de segundos, e os séculos de séculos são dias.

Amemos e glorifiquemos a Deus e elevai-lhe cânticos. A humanidade deu um passo nas vias do progresso.

Como penetra no coração o rocio da consolação! Como brilham para o espírito os primeiros albores da luz! Como desperta a alma, trêmula de emoções, ao doce pressentimento de uma felicidade a conquistar nos séculos!...

O homem primitivo não é o homem; a humanidade do primeiro dia não é a humanidade.

O primeiro homem é o primeiro degráu da escada de Jacob: mal se destaca do pó.

O homem é a lei, é o progresso, é o aperfeiçoamento, é a elevação pela matéria, é a purificação pela luz, é o melhoramento pelo mérito, é a felicidade pelo dever, é a palavra de Deus, que subsistirá pela eternidade.

Se o homem do primeiro dia fôsse o homem, não teria êle saído do primeiro dia. E o homem saiu do primeiro dia.

Meu espírito vê o corpo do homem, e não cerra os olhos para não vê-lo; contempla sua alma, e não repele a imagem de sua alma.

Começou a luta do espírito com a matéria, e o princípio espiritual avança, ainda que pouco, porém avança.

A primeira jornada augura a vitória do espírito sobre a carne; é o ponto de partida — o princípio do fim do reinado da matéria — e o primeiro anúncio do reinado do pensamento de Deus.

Nessa luta, eternamente secular, o corpo é o crisol do espírito, e o espírito é o modelador, o artífice do corpo.

Depois do primeiro dia da humanidade, o corpo do homem aparece menos feio, menos repugnante á contemplação de minha alma.

Sua fronte começa a debuxar-se na parte superior do rosto, quando o vento agoita e levanta as ásperas melenas que a cobrem.

Os seus olhos são mais vivos e transparentes, o seu nariz é mais afilado e levantado e a sua boca é menos proeminente. Um princípio de expressão se manifesta no conjunto.

Os seus braços são menos longos e esquálidos, as suas carnes são menos secas, as suas mãos menos volumosas e com dedos mais prolongados, os ossos do esqueleto são mais arredondados, mais bem dispostos ao movimento das articulações; maior elasticidade existe nos